

Recepção cinematográfica em situação escolar no ensino/aprendizagem de história

Vitória Azevedo da Fonseca¹
Secretaria de Educação de São Paulo/Sorocaba

Resumo

O objetivo deste texto é debater o processo de recepção e compreensão de narrativas cinematográficas por estudantes da Educação Básica em situação específica de sala de aula. Tomando por base as proposições de Roland Barthes sobre a existência da compreensão de filmes no nível do relato, do simbólico e do obtuso, bem como as definições de público de Roger Odin, a proposta foi aplicar questionários semelhantes, antes e depois da exibição integral do filme “As sufragistas” (Sarah Gavron, 2015) na tentativa de observar o processo de compreensão do filme a partir do nível do relato, ampliando para a compreensão de temporalidades, a relação entre o relato do passado e o presente, perspectivas de futuro, empatia, relação com evidências históricas e produção da verossimilhança no filme. Foi interessante perceber a recepção a partir das respostas e reações dos alunos durante o filme e a mudança no olhar provocados pelo filme, e, ao mesmo tempo, empatias relacionadas a questões de gênero.

Palavras-chave: cinema, história, ensino de história

Filmes, de diferentes temáticas e abordagens, estão frequentemente presentes nas aulas de história e também atuantes na formação da cultura histórica. A partir de filmes, imagens sobre o passado são construídas. No entanto, a utilização de imagens audiovisuais/cinematográficas, no processo de ensino/aprendizagem, é permeada de dúvidas, questionamentos, interdições. Em texto publicado, apresento a visão de alguns livros didáticos sobre o uso de filmes em sala de aula enfocando a questão, sempre recorrente, da necessidade de “preparar” os estudantes antes da exibição de filmes.

É possível observar, no entanto, a partir do contato com diversos alunos, que desenvolvem uma relação com o processo de conhecimento pautado por referências textuais, no ambiente escolar. Nesse sentido, uma das dificuldades em utilizar filmes no ensino de história tem sido a falta de clareza dos processos de aprendizagem possíveis que este meio pode desencadear. Assim, a partir da compreensão de que “preparar alunos” para assistirem filmes, como é indicado por grande parte das referências neste aspecto, pode não ser eficaz na compreensão do processo de aprendizagem, e, muito menos da compreensão da visão que o aluno constrói/possui em relação aos filmes, propomos experiências que partem da tentativa de compreender a relação que os próprios alunos estabelecem com os filmes em ambiente escolar. Isso é significativo,

¹ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense.

pois, o filme em ambiente escolar ganha, para eles, necessariamente, um caráter de didatização pois, em grande maioria, consideram que o professor tem algum objetivo ao exibir o filme e deve estar, de alguma maneira, relacionado ao “conteúdo” aprendido.

Desta forma, discuto uma metodologia que implica exibir filmes sem que os alunos sejam “preparados” previamente, a não ser com um questionário diagnóstico que visa, em primeiro lugar, levantar perguntas e questionamentos aos estudantes; e, em segundo compreender, de maneira geral, as suas percepções sobre questões tratadas no filme. Em seguida, exibir o filme, e, após sua exibição, um novo questionário é entregue, com perguntas repetidas, visando fazer uma comparação entre o “antes” e “depois”. Além disso, são apresentadas questões dissertativas com o objetivo de compreender os níveis de percepção do filme, perguntas que dizem respeito ao nível do relato; perguntas que dizem respeito a construção de temporalidades; e perguntas que dizem respeito às possibilidades de construção de projetos.

Ao discutir os modelos de ensino, Isabel Barca apresenta as diferenças entre a aula-conferência, aula-colóquio e aula oficina. Enquanto as duas primeiras ainda estão centradas no professor e nas suas intencionalidades, a segunda preconiza um importante olhar para o aluno para que seja possível um processo de ensino/aprendizagem a partir do conhecimento prévio. Podemos nos remeter à ideia de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky para defender a importância de identificar as referências das crianças e jovens para que o processo de aprendizagem seja significativo para eles. Nesse processo de identificação do saber discente, o professor torna-se um investigador. Conforme defende Barca:

Ora, se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual de seus alunos, não para de imediato o classificar como certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceituação dos alunos... (BARCA, 2004:132)

A partir da compreensão da necessidade de ter acesso a ideias prévias dos estudantes, considerando que o processo de ensino e aprendizagem deve partir da situação na qual se encontra o educando, surgiu a pergunta não sobre o conhecimento sobre determinado conteúdo histórico, mas, sobre como os estudantes recebem e decodificam informações/emoções a partir da experiência de exibição de filmes com temática histórica em ambiente escolar.

Assim, em função deste questionamento, venho desenvolvendo uma pesquisa que preconiza a realização de levantamento de dados a partir de instrumentos que melhor se

adeque às necessidades da pesquisa. Ou seja, em processo de elaboração, estão sendo experimentados alguns instrumentos.

Inicialmente, a partir da dúvida sobre o grau de influência das atividades preparatórias apresentadas aos alunos na percepção dos mesmos dos filmes exibidos, foi possível refletir sobre a importância de criar condições para que o filme seja degustado da melhor maneira possível de forma que os alunos possam se envolver no processo de compreensão e empatia evitando que o processo de elaboração da sua narrativa após o filme pautado pelos discursos verbais apresentados previamente ao filme. Ou seja, na verbalização sobre a compreensão do exibido, os estudantes pesquisados tenderam a pautar o seu texto não na sua própria percepção, mas, nos discursos verbais e textuais aos quais tiveram acesso.

Em uma segunda etapa da pesquisa, passamos a experimentar a aplicação de questionários antes/depois da exibição do filme para verificar possíveis leituras possibilitadas após a exibição do filme. As reflexões desenvolvidas neste texto, partem, assim, da exibição do filme *As Sufragistas* (Sarah Gravon, 2015) em duas turmas de 8º anos do Ensino Fundamental. Esta etapa, no entanto, envolve também a exibição de mais dois filmes (*Maria Antonieta* e *Carlota Joaquina*), cujas análises não serão realizadas neste espaço.

Os estudos de recepção cinematográfica são variados, com diversas controvérsias e problemáticas dada a sua natureza fluida. Existem inúmeros obstáculos na análise da recepção pelo seu caráter subjetivo e de difícil definição. Assim, tendo ciência dos obstáculos desse tipo de análise, buscamos referências em Roger Odin, para refletir o espaço da recepção no ambiente escolar.

Odin, semiólogo francês, apresenta definições interessantes sobre o processo de recepção cinematográfica que considera o ambiente receptivo e as leituras possíveis. Um filme pode propiciar leituras múltiplas. Inclusive, a própria percepção do gênero do filme não é algo delimitado pela obra.

Roger Odin fixa nove diferentes “modos” de compreender os filmes. Essa classificação, fundamentada, é, no entanto, mutável e pode ser aplicada a determinadas situações. No entanto, ao estudarmos as possibilidades de leituras dos filmes no ambiente escolar é extremamente interessante ter em mente essas definições. Assim, o primeiro modo é o “espetacular” (o filme é visto como espetáculo); “ficcionalizante” (“ver um filme para vibrar ao ritmo dos acontecimentos fictícios narrados”); “fabulizante” (“ver um filme para receber um ensinamento da narrativa”);

“documentário” (“ver um filme para obter informações sobre a realidade das coisas do mundo”; “argumentativo/persuasivo” (“ver um filme para poder elaborar um discurso”); “artístico” (“ver um filme como sendo a produção de um autor”); “estético” (“ver um filme se interessando pelo trabalho feito com as imagens e sons”); “energético” (“ver um filme para vibrar ao ritmo das imagens e dos sons”) e, por fim, “privado” (“ver um filme voltando-se para sua vivência e/ou a do grupo ao qual se pertence”).

Assim, para o autor, o sentido do filme não é dado por ele mesmo, mas construído a partir de diferentes contextos de recepção. Um mesmo filme, como exemplifica, pode ter leituras diversas em diferentes ambientes, públicos e circunstâncias.

Ver um filme mobiliza em geral vários modos (sucessivamente ou simultaneamente), sendo sua hierarquização variável conforme o filme e o contexto. Por exemplo, ver um filme num curso de história convida a utilizar em primeiro lugar o modo documentarizante, porém, como temos, todos, o desejo de ficcionalizar, esses dois modos vão se tornar concorrentes. (ODIN, 2005:37)

Esse autor distingue dois tipos principais de leituras que podem ser bastante interessantes para pensar a recepção no ambiente escolar. Para compreender suas categorias é importante esclarecer o que o autor chama de “ficcionalizante” e “documentarizante”. Para ele, a ficção é aquela narrativa que constrói um universo diverso do mundo do espectador. Um mundo diferente para o qual o espectador é “transportado” e, ao final, ele volta para a sua realidade e o assistido não lhe toca pessoalmente. Por outro lado, “documentárias” seriam narrativas que trazem referências a um mundo que é o mesmo do espectador, com o qual ele pode se identificar ou não, mas que, de qualquer maneira, traz uma proximidade muito diferente do mundo ficcional. Ou seja, neste caso o espectador é tocado “como pessoa real”.

Assim, o autor criou diversas possíveis leituras para diferentes filmes, e destacamos duas: a leitura ficcionalizante, ou seja, quando a história narrada faz parte de um mundo ficcional, distante, para o espectador, e, a “leitura documentarizante”, ou seja, quando o espectador é tocado como pessoa real e aquela narrativa diz respeito a um mundo que é considerado como seu próprio mundo.

A princípio, concordamos com o autor de que os filmes exibidos em espaço escolar, em aulas de história, são recebidos pelos estudantes por leituras documentarizantes pelo pressuposto de que se está sendo exibido na escola, nas aulas de história, portanto, deve ter alguma relação com a realidade. Assim, dentre as questões postas aos alunos, algumas estão relacionadas à percepção de evidências, verdade e relações com a realidade.

Além das referências de Roger Odin, Roland Barthes (1990) também contribui para o pensamento sobre as possibilidades de leituras sobre um filme. O autor, no texto “O terceiro sentido”, classifica em três níveis as possíveis leituras dos filmes: o nível da narrativa, do simbólico e do obtuso. A narrativa e o simbólico fazem parte do óbvio, enquanto obtusas são aquelas percepções difíceis de serem enunciadas, de serem postas em palavras, analisadas. Para o autor, esse é o nível do fílmico. Ou seja, o nível da linguagem cinematográfica intraduzível em outra linguagem.

Na percepção dos estudantes em espaço escolar, buscamos observar, em primeiro lugar, as possibilidades de compreensão do filme exibido no nível da narrativa. Ou seja, será que os estudantes conseguem compreender o nível do relato? Quais instrumentos cognitivos são necessários para compreender o relato do filme? Além disso, os alunos conseguem compreender o nível simbólico? Esses são alguns questionamentos que ficarão sem respostas mas que norteiam a inquietação. A partir dessas reflexões foi possível direcionar o olhar aos jovens e desenvolver algumas das análises que apresento abaixo.

Considerando os referenciais citados, as reflexões aqui desenvolvidas estão relacionadas à observação das reações e compreensões dos estudantes em contato a partir da experiência de assistir a um filme. A atividade foi dividida em três partes: Em primeiro lugar, houve a aplicação de um questionário sondagem, em seguida, a exibição do filme inteiro sem interrupções, e, em seguida, a aplicação de um questionário pós-filme, semiestruturado.

O questionário sondagem e o questionário pós-filme contém algumas diferenças. Dentre elas, questões que se referem especificamente ao filme. O questionário sondagem, com 12 questões fechadas, objetivaram, em primeiro lugar, fazer um levantamento das referências em relação ao termo “sufragistas”, em seguida, questões sobre voto e voto feminino, passando para perguntas sobre o papel da mulher na sociedade; relações entre passado/presente; questões sobre o que pensam das leis e sua possível atitude em relação à legislação que considera injusta. Há também uma pergunta sobre o que pensa o aluno sobre o uso da violência em protestos sociais. Os questionários foram pensados a partir do filme, dos pressupostos do tipo de recepção que teria dentre aqueles jovens e as suas possíveis leituras.

No questionário pós filme, com 16 questões, foram inseridas algumas abertas relacionadas à narrativa do filme, os possíveis motivos de ter sido realizado, as relações

entre passado/presente e perspectivas de futuro, bem como as percepções sobre evidências no filme e o tempo que representa.

QUESTIONÁRIO ANTES DO FILME	QUESTIONÁRIO APÓS O FILME
<p>SONDAGEM - NOME: _____ TURMA: _____</p> <p>1. O que são sufragistas? a. Uma banda de rock. b. Um grupo de homens que lutam pelo direito ao sufrágio universal. c. Um grupo de mulheres que lutam pelo direito ao voto.</p> <p>2. Sobre o voto no Brasil hoje assinale a alternativa correta: a. Só os homens adultos votam. b. Só os ricos votam. c. Todos votam.</p> <p>3. Sobre o voto feminino, com qual alternativa você concorda: a. Mulheres não deveriam votar pois política é coisa de homem. b. As mulheres precisaram lutar muito para ter direito ao voto. c. As mulheres sempre votaram, desde que existem eleições.</p> <p>4. Em relação ao papel da mulher na sociedade, com qual alternativa você concorda: a. É importante e elas ocupam todos os espaços. b. As mulheres deveriam ficar em casa, cuidando dos filhos. c. As mulheres ainda sofrem preconceitos para desempenharem algum papel social.</p> <p>5. Sobre os direitos dos trabalhadores, qual das alternativas melhor expressa sua opinião: a. É necessário esperar um bom governante para que os trabalhadores ganhem seus direitos. b. Os direitos dos trabalhadores dependem de quanto eles mesmos lutam para tê-los. c. Todos os direitos foram conquistados no passado, com muita luta.</p> <p>6. Assinale a alternativa que melhor completa a ideia contida na frase "As mulheres apenas votam hoje porque..." a. Homens bons permitiram, no passado, e isso continuou existindo até hoje. b. Muitas mulheres sofreram para ter esse direito. c. Sempre foi normal que as mulheres votassem.</p> <p>7. Na sua opinião, se alguém é preso pela polícia, isso sempre significa que: a. A pessoa é bandida. b. As pessoas são presas injustamente. c. Algumas pessoas são presas porque estão contra a sociedade.</p> <p>8. Você concordaria em ir contra a lei para defender o que considera justo? a. Não. A lei deve ser respeitada, não importa a situação. b. Não, porque tenho medo de ser preso. c. Sim, as leis são feitas por pessoas, e pessoas cometem erros. d. Sim, para mudar a sociedade é preciso ir contra a lei.</p> <p>9. Sobre as atuais leis que existem na sociedade, assinale a alternativa com a qual concorda: a. As leis sempre existiram e são feitas para que a sociedade funcione melhor. b. As leis são feitas para favorecer apenas os grupos poderosos. c. As leis são resultados de disputas sociais, diferentes grupos, em diferentes momentos, defendem suas opiniões e lutam para mudar as leis, às vezes conseguem, às vezes não.</p> <p>10. Algumas vezes, pessoas que participam de protestos, queimam ônibus, quebram lojas, colocam fogo em pneus, destroem o que vêm pela frente. Sobre o uso de violência em protestos sociais, qual é a sua opinião? a. Eu sou a favor. Tem que quebrar tudo mesmo. b. Eu não gosto. Acho que tudo pode ser resolvido pacificamente. c. A violência é uma maneira que encontram de chamar a atenção e serem ouvidos.</p> <p>11. Sobre o uso de violência em países "mais desenvolvidos" que o Brasil, assinale a alternativa com a qual concorda: a. Países mais desenvolvidos e civilizados não usam violência, as pessoas resolvem tudo de maneira pacífica e respeitosa. b. Em países mais desenvolvidos a população também usa de violência para garantir os seus direitos. c. Em todos os países do mundo o povo é violento e quebra tudo quando faz protestos.</p> <p>12. Sobre o futuro do Brasil, assinale a alternativa com a qual concorda: a. Vai continuar tudo do mesmo jeito, como sempre foi. b. Tudo sempre muda, mas, se os trabalhadores quiserem manter seus direitos, vão precisar defendê-los. c. As coisas estão mudando naturalmente e o país vai melhorar. d. Não precisamos nos preocupar com o futuro, tem pessoas boas que estão pensando por nós.</p>	<p>POS FILME - NOME: _____ TURMA: _____</p> <p>1. O que são sufragistas? a. Uma banda de rock. b. Um grupo de homens que lutam pelo direito ao sufrágio universal. c. Um grupo de mulheres que lutam pelo direito ao voto.</p> <p>2. Sobre o voto feminino, com qual alternativa você concorda: a. Mulheres não deveriam votar pois política é coisa de homem. b. As mulheres precisaram lutar muito para ter direito ao voto. c. As mulheres sempre votaram, desde que existem eleições.</p> <p>3. Sobre os direitos dos trabalhadores, qual das alternativas melhor expressa sua opinião: a. É necessário esperar um bom governante para que os trabalhadores ganhem seus direitos. b. Os direitos dos trabalhadores dependem de quanto eles mesmos lutam para tê-los. c. Todos os direitos foram conquistados no passado, com muita luta.</p> <p>4. Assinale a alternativa que melhor completa a ideia contida na frase "As mulheres apenas votam hoje porque..." a. Homens bons permitiram, no passado, e isso continuou existindo até hoje. b. Muitas mulheres sofreram para ter esse direito. c. Sempre foi normal que as mulheres votassem.</p> <p>5. Você concordaria em ir contra a lei para defender o que considera justo? a. Não. A lei deve ser respeitada, não importa a situação. b. Não, porque tenho medo de ser preso. c. Sim, as leis são feitas por pessoas, e pessoas cometem erros. d. Sim, para mudar a sociedade é preciso ir contra a lei.</p> <p>6. Sobre as atuais leis que existem na sociedade, assinale a alternativa com a qual concorda: a. As leis sempre existiram e são feitas para que a sociedade funcione melhor. b. As leis são feitas para favorecer apenas os grupos poderosos. c. As leis são resultados de disputas sociais, diferentes grupos, em diferentes momentos, defendem suas opiniões e lutam para mudar as leis, às vezes conseguem, às vezes não.</p> <p>7. Algumas vezes, pessoas que participam de protestos, queimam ônibus, quebram lojas, colocam fogo em pneus, destroem o que vêm pela frente. Sobre o uso de violência em protestos sociais, qual é a sua opinião? a. Eu sou a favor. Tem que quebrar tudo mesmo. b. Eu não gosto. Acho que tudo pode ser resolvido pacificamente. c. A violência é uma maneira que encontram de chamar a atenção e serem ouvidos.</p> <p>8. Sobre o uso de violência em países "mais desenvolvidos" que o Brasil, assinale a alternativa com a qual concorda: a. Países mais desenvolvidos e civilizados não usam violência, as pessoas resolvem tudo de maneira pacífica e respeitosa. b. Em países mais desenvolvidos a população também usa de violência para garantir os seus direitos. c. Em todos os países do mundo o povo é violento e quebra tudo quando faz protestos.</p> <p>9. Sobre o futuro do Brasil, assinale a alternativa com a qual concorda: a. Vai continuar tudo do mesmo jeito, como sempre foi. b. Tudo sempre muda, mas, se os trabalhadores quiserem manter seus direitos, vão precisar defendê-los. c. As coisas estão mudando naturalmente e o país vai melhorar. d. Não precisamos nos preocupar com o futuro, tem pessoas boas que estão pensando por nós.</p> <p>10. Em que época se passa o filme "As Sufragistas" a. Por volta de 500 anos atrás. b. Por volta de 50 anos atrás. c. Por volta de 100 anos atrás.</p> <p>11. Escreva um parágrafo explicando qual é a história contada pelo filme "As sufragistas".</p> <p>12. Você acredita que a história no filme é uma história real? Por que?</p> <p>13. Na sua opinião, ao assistir ao filme "As sufragistas", o que aparece que faz você pensar que é um filme sobre algo que aconteceu no passado?</p> <p>14. Na sua opinião, o filme em questão tem alguma relação com o presente?</p> <p>15. Quais considera ter sido o objetivo do diretor ao fazer um filme sobre este tema atualmente?</p> <p>16. Reflita sobre sua opinião e responda: "a história contada no filme serve de exemplo para o futuro?". Justifique.</p>

Considerando as possíveis compreensões sobre o filme e o nível de envolvimento com o mesmo, a primeira questão, bastante simples, buscou identificar o quanto os estudantes, em primeiro lugar, tinham referências sobre o termo “sufragistas” e, em segundo lugar, a mudança ocorrida após o filme. Identificar as características do grupo representou, após o filme, o nível de envolvimento básico do estudante com o filme. A partir do gráfico 1, é possível notar maior envolvimento dos jovens da turma A, considerando que 100% deles identificaram as sufragistas como um grupo de mulheres que lutavam pelo direito ao voto, após assistirem ao filme. Enquanto na turma B, esse número foi de 89%, indicando que uma parcela do grupo possivelmente não acompanhou a história narrada no filme, e os fatores disso podem ser diversos.

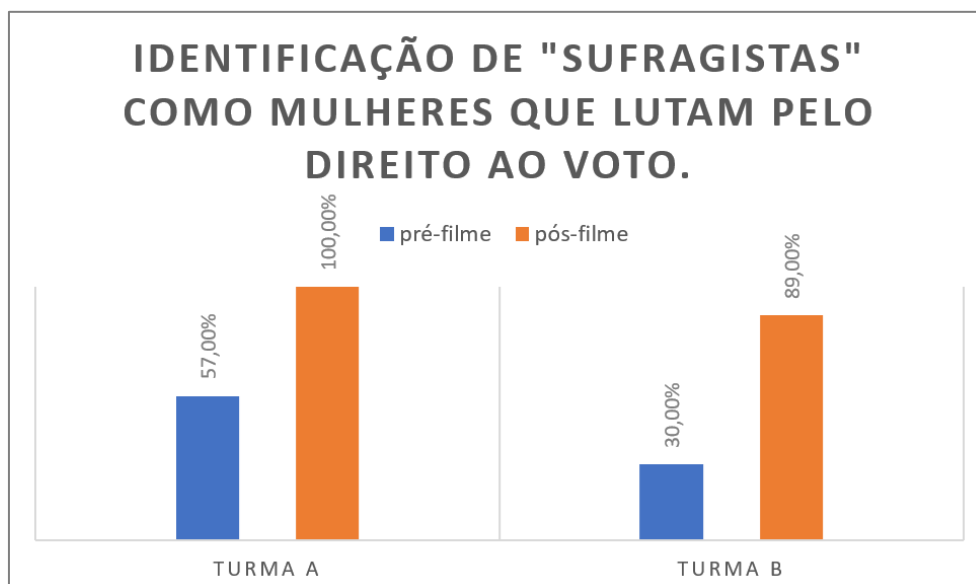


Gráfico 1 - Respostas à questão 1 do questionário sondagem e do questionário pós-filme em 2 turmas de 8º ano em Sorocaba. Elaboração própria.

Na questão sobre os direitos dos trabalhadores, foi possível identificar, a partir do gráfico 2, que na turma A, pouca mudança ocorreu nas respostas dos estudantes considerando que a visão apresentada antes do filme foi convergente com a narrativa cinematográfica. Ou seja, 50% dos jovens dessa turma escolheram a resposta que indica que os direitos na atualidade foram conquistados no passado com muita luta, tanto antes quanto depois do filme. Em relação à turma B, ao contrário, houve uma mudança maior após assistir ao filme. Dos 25% que escolheram essa alternativa antes do filme, passou a 48% após o filme. Além disso, antes do filme, 40% escolheu que para ter direitos os trabalhadores precisam de bons governantes, enquanto essa porcentagem cai para 20% após o filme. Neste caso, houve uma mudança nas escolhas das respostas após o filme.

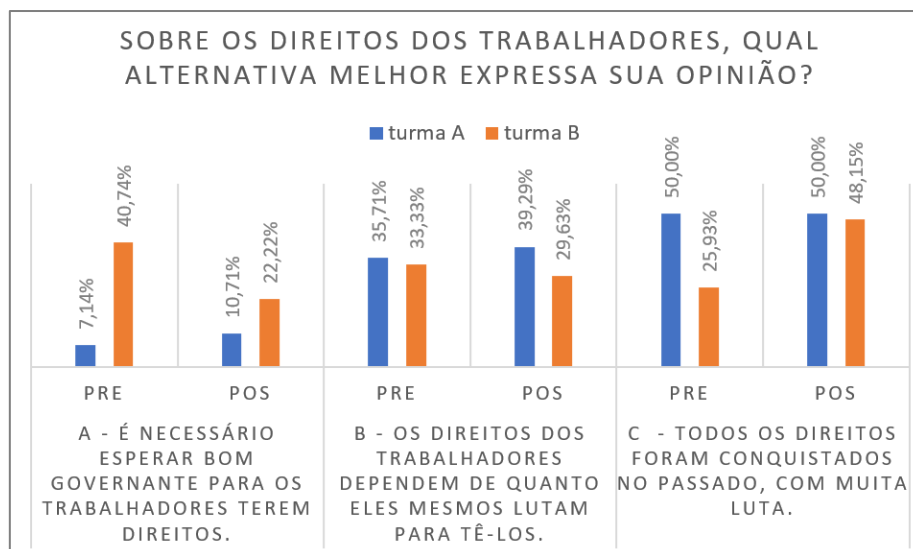


Gráfico 2 - Respostas à questão 5/3 do questionário sondagem e do questionário pós-filme em 2 turmas de 8º ano em Sorocaba. Elaboração própria.

A pergunta cujas respostas aparecem no gráfico 3 teve como principal objetivo identificar referências sobre as relações entre presente e passado relacionando à narrativa do filme sobre o processo de luta pelo direito ao voto feminino. E foi interessante perceber que, tanto antes quanto depois do filme, grande parte dos alunos identificaram que houve “lutas no passado” para que as mulheres tivessem esse direito na atualidade. E, após o filme, a porcentagem dos alunos que optaram essa alternativa aumentou igualmente nas duas turmas.

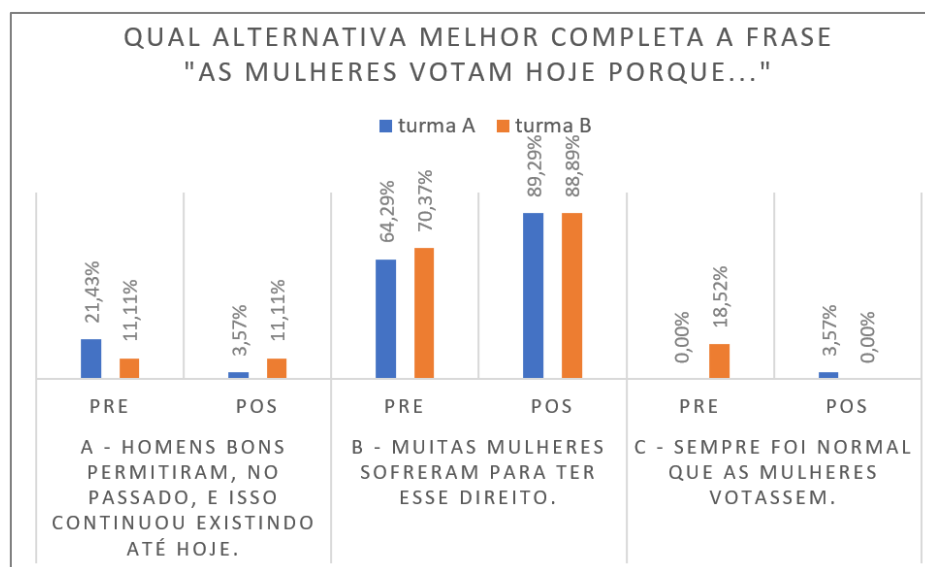


Gráfico 3 - Respostas à questão 6/4 do questionário sondagem e do questionário pós-filme em 2 turmas de 8º ano em Sorocaba. Elaboração própria.

Na questão sobre o uso da violência em protestos sociais, apesar de ter havido um problema técnico na aplicação para a turma A no questionário sondagem, é possível perceber a mudança nas respostas dos estudantes da turma B antes e depois do filme.

Ou seja, a justificativa do uso de violência em protestos como forma de visibilidade aumentou de 51% para 74%. Isso se justifica a partir da própria narrativa construída no filme cujo uso da violência vai sendo delineado como única saída e alternativa para que a luta das mulheres seja considerada.

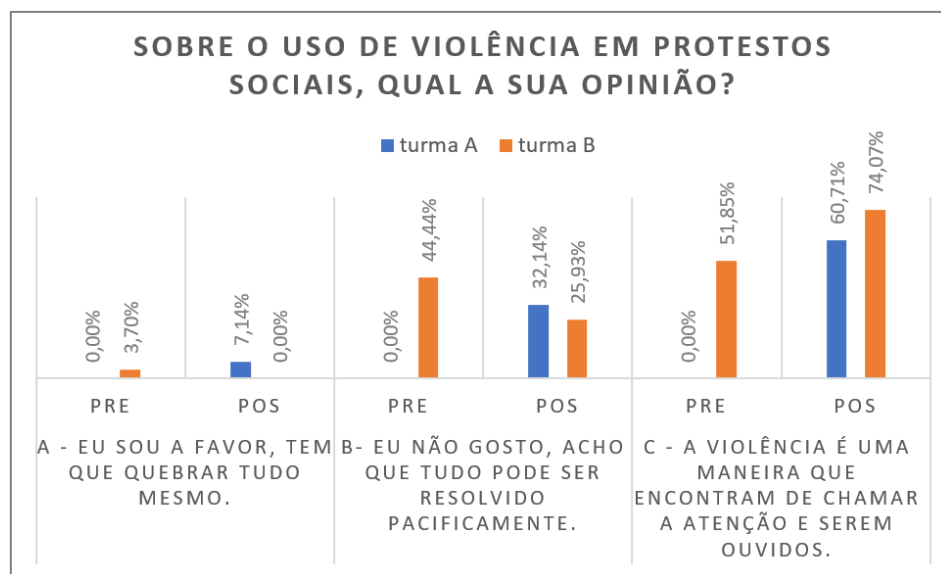


Gráfico 4 - Respostas à questão 10/7 do questionário sondagem e do questionário pós-filme em 2 turmas de 8º ano em Sorocaba. Elaboração própria.

Sobre a pergunta inserida no questionário pós-filme, no que se refere à percepção do tempo no qual se passa a história narrada, na turma A, 92% dos alunos indicaram que a história do filme se situa em 100 anos atrás. No entanto, na turma B, 18% dos jovens indicaram que se situa em 500 anos atrás.

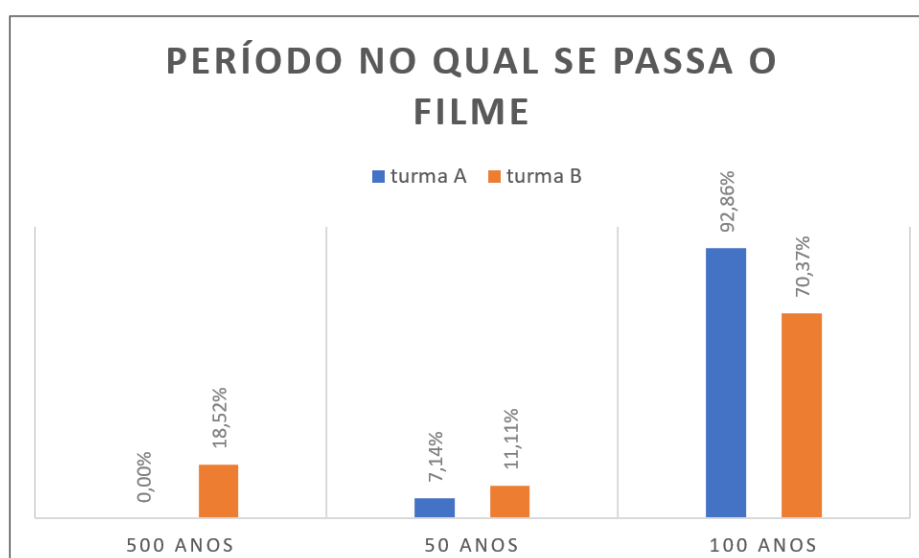


Gráfico 5 - Respostas à questão 10 do questionário pós-filme em 2 turmas de 8º ano em Sorocaba. Elaboração própria.

No que diz respeito às questões abertas do questionário pós-filme, a primeira questão visava observar a capacidade de compreensão do nível do relato apresentado no filme. Neste caso, sem uma análise quantitativa, ressaltando as respostas de alguns alunos, podemos dizer que a compreensão do nível do relato girou em torno da ideia de um grupo de mulheres que lutaram pelo direito ao voto. Destaco abaixo algumas frases escritas pelas alunas:

O filme conta como eram tratadas as mulheres no passado e mostram que elas sofriam muito. (MD*)

A história conta como foi a luta pelo direito dos votos para as mulheres. Ela mostra o quão difícil foi e o quão importante é de preservarmos isso. (C*)

É uma história que aconteceu de verdade das mulheres, elas fez (sic) protestos, greves, etc, para que elas possam votar. (Y*)

O filme é sobre um grupo de mulheres que lutam para ter seus direitos essas mulheres sofre (sic) por trabalho escravo, machismo. (RB*)

Fala sobre o quanto as mulheres sofreram diante uma sociedade machista e opressora, falando sobre principalmente o direito das mulheres votar. (ML*)

O filme conta sobre a época em que as mulheres tiveram que lutar muito pelos seus direitos, de ter seus filhos em sua guarda, e que tiveram a oportunidade de poder votar depois de muito esforço. E que só a partir do momento em que uma delas se matou eles liberaram isso tudo. (MC*)

que há 100 anos atrás as mulheres sofriam machismo e eram maltratadas e etc., e elas lutaram mas foram presas, maltratadas, abusadas, até que Emily em 1913 quis fazer, tipo morrer, para ser mundialmente conhecida, para parar com o machismo e as mulheres ter seus direitos e com os anos, cada país foi as mulheres poderem votar, mas ainda existem país com isso. (ML*)

Dentre as respostas, podemos perceber a ênfase na questão da luta das mulheres. Diferencio aqui as respostas dos alunos, pois, foi possível identificar diferenças nas recepções do filme em função do gênero. Isso fica ainda mais claro nas respostas posteriores. Como eram respostas abertas, muitos dos alunos não responderam.

São mulheres que lutam pelo direito de votar e ter a guarda do filho. (P#)

Conta-nos sobre como as mulheres lutaram para conseguir o direito do voto, Emily Davison, lutaram tanto que Maug perdeu seu filho e marido, Emily se sacrificou de propósito para que todos percebessem e assim conseguissem o direito ao voto. (G#)

Na questão 12, “Você acredita que a história é real”, a intenção foi levar os alunos a, em primeiro lugar, se questionarem sobre a noção de realidade/ficção em relação ao filme, e observar o que apresentavam como justificativa para considerar como uma história real. Foi interessante identificar alguns tipos de respostas. Dentre elas, alguns alunos identificaram a história como real por uma consequência lógica em relação ao

presente, ou seja, se hoje as mulheres possuem direitos, então, a história do filme que representa mulheres lutando por eles deve ser verdadeira. Assim, ressaltamos expressões tais como “Sim, pois se não fosse essas mulheres do filme, as mulheres de hoje não tinham direitos.” (Dg); ou “sim porque as mulheres lutaram para ter seus direitos.” (Nt*); “Sim, pois as mulheres tiveram que sofrer muito para isso e antigamente a sociedade era muito machista e hoje em dia ainda é, mas pelas lutas as mulheres conseguiram mudar muitas coisas.” (Cr*) “Eu acredito que sim, até porque uma mulher lutou muito pelos direitos e é por isso que hoje as mulheres votam.” (Lz*).

Outra justificativa para considerar como uma história real a narrada pelo filme é a ideia de evidência a partir de trechos de imagens reais mostradas no final do filme. Assim, os alunos escreveram frases do tipo: “Por causa do vídeo que é mostrado no filme.” (DgA#); “Sim, porque no final aparece a de verdade.” (Pd#); “Sim porque esse evento aconteceu de verdade e foi filmado.” (Gl#). Há ainda respostas que aliam os dois argumentos, “Porque apareceu imagens reais e também as mulheres sempre sofreram com o machismo, acredito que até hoje tem machismo.” (Ml*); ou, “sim porque apareceu no final a gravação real, mas eu acredito que seja real porque as mulheres naquela época não eram tratadas como iguais.” (AnC*); “Sim, foi algo que as mulheres fizeram no passado e em alguns lugares ainda fazem. Lutam e fazem de tudo para conseguir algo. No filme, é contada a luta verídica das mulheres contra os homens para conseguir votar”. (GlF#); “sim porque além de filmagem, hoje nós temos os direitos.” (Lz*).

Assim, a noção de realidade do filme é construída a partir da inserção de imagens reais no final e o fato da história narrada ter semelhanças em relação à realidade observada pelos jovens na atualidade.

Em outra pergunta, sobre se o filme tem relação com o presente, as alunas, principalmente, fizeram relações entre a forma como as mulheres são tratadas hoje e como aparecem sendo tratadas no filme, tecendo relações a partir deste aspecto:

“Sim. Hoje em dia as mulheres ainda sofrem preconceitos”;
 “Atualmente algumas mulheres ainda são agredidas mas, é menos intenso do que no passado”; “ Hoje em dia as mulheres ainda são muito subestimadas, então, sim.” “sim porque ainda existe uma sociedade machista.”

Em outras respostas, a relação é feita a partir das conquistas dos direitos.

“Sim, por que se ela não tivessem lutado hoje, estaria a mesma coisa”;
 “Tem, pois graças a história que o filme conta, hoje as mulheres tem alguns de seus direitos conquistados.”; “sim porque imagine estar

daquele jeito até agora, sempre tem que pensar no futuro. E agora temos os nossos direitos.”

Interessante notar, que, dentre os poucos alunos que responderam, houve pouco envolvimento pessoal com a história, como se fosse algo que não estivesse relacionado a eles: “Para nos informar para nós sabermos melhor a história e como as mulheres conseguiram o poder de voto”; “sim, se aquela mulher não tivesse morrido talvez as mulheres não pudesse (sic) votar até hoje.”; “Não. Foi no passado, hoje é diferente.”

Nas respostas à pergunta se “a história narrada no filme serve de exemplo para o futuro?”, a diferença entre as respostas das alunas e dos alunos é bastante clara, além de maior envolvimento emocional das garotas.

“Sim pois serve de exemplo para as futuras gerações, para verem o quanto as mulheres lutaram para ter seus direitos.” “Sim, pois a história conta sobre como os homens eram machistas e também mostra o sofrimento das mulheres a fim de conscientizar as gerações seguintes”; “Sim. Para as mulheres terem consciência que os votos delas são importantes”; “Sim. Que as pessoas vendo isso também vai querer lutar por seus direitos”; “Sim porque nós nunca devemos parar de lutar por nossos direitos de defender o que achamos justo”; “Sim para que não precisemos que alguém se mate para ter direitos iguais.”; “Sim, para que quando ocorra algo, lutemos para conseguir, independente dos fatos que nos barram.” “Claro, para que nós continuemos a lutar pelos nossos direitos e liberdade.”. “Sim, pois com muita luta nós conseguimos mudar uma lei e fazer uma revolução.”; “Sim, para aprendermos que as mulheres são iguais aos homens.”

Pelas respostas observamos que a justificativa para a história narrada no filme servir de exemplo para o futuro está, principalmente, relacionada à capacidade de luta pelos próprios direitos. Por outro lado, as respostas dos alunos demonstram pouco envolvimento afetivo, e pouca identificação entre a história narrada e a própria vida. O filme diz respeito às mulheres, e, portanto, deve ser importante para “elas”:

“Sim, para que todos entendam que as mulheres também “são gente””; “Sim, pois se não fosse essas mulheres, as mulheres de hoje não podiam votar e ter outros direitos.” “Sim porque tem muitas coisas que acontecem ainda”. “Sim, para mostrar o que aconteceu no passado.”

Além da análise das respostas aos questionários, também foi possível fazer uma análise a partir da observação das reações dos alunos/alunas ao longo da exibição do filme. Destaco aqui, a reação a uma única cena, indicando a capacidade de leitura simbólica e da linguagem cinematográfica por parte daqueles alunos/alunas de 8º ano do Ensino Fundamental.

O filme *As Sufragistas*, cuja personagem principal é uma operária inicialmente envolvida com o seu trabalho e descrente em relação às mulheres que lutam pelos direitos e fazem propagandas para seu movimento (estas aparecem em segundo plano), mas que, ao ser envolvida em situações em sua vida que deixa clara as condições em que vive, as condições de exploração e de desvalorização de seu papel, ela, aos poucos, vai se aproximando e se envolvendo com o movimento das sufragistas. A personagem principal, uma “mulher comum”, como o espectador presumido, é levada aos poucos a aproximar-se e a compreender os motivos do movimento sufragista. Esse formato narrativo busca a cumplicidade e a empatia do público que, presumivelmente, se solidariza com a personagem, e, assim, ganha a simpatia e a compreensão do movimento.

O filme é feito para envolver, convencer e emocionar. Para que tenha efeito, o espectador deve se predispor a isso. Deve “se deixar levar” pelo filme. Uma das dificuldades, no entanto, da exibição de filmes em ambientes escolares são as dificuldades técnicas para propiciar esse tipo de relação com o filme. Desta maneira, é necessário que as barreiras técnicas sejam minimizadas para que o filme execute sua magia.

Ao envolver-se com o filme, o espectador passa a perceber sutilezas que um espectador desatento não compreende, não “capta”. Quando ocorrem reações ao filme, tais como espantos, risadas, etc, isso são sintomas desse envolvimento. Associando a Roland Barthes, um filme só poderia ser compreendido no nível simbólico e no obtuso com esse envolvimento. Primeiro obstáculo. Transposto este, vamos aos obstáculos cognitivos.

No caso do filme citado, em particular, foi possível perceber o envolvimento de parte da turma. E, ressaltando uma cena em particular, podemos analisar a capacidade de compreensão dos jovens, em relação a este filme em particular. Essa percepção nos indica que esses jovens compreendem a linguagem cinematográfica sem a intermediação da linguagem textual. E isso é bastante interessante e algo que pode ser melhor investigado.

Chamou a atenção a reação dos jovens, das duas turmas nas quais o filme foi exibido, a uma cena em particular. Em determinado momento, a personagem principal, que perde o direito de ver o seu filho pois, em função de seu envolvimento com as sufragistas, acaba se divorciando, e, ao fazer isso, a guarda do seu filho é perdida para o pai da criança. Ela, no entanto, continua lutando para ver o filho, e, depois de algum

tempo sem vê-lo, no dia do seu aniversário, ao abrir a porta bruscamente, depois de passar pela barreira do seu ex-marido, aparece o plano apresentado abaixo (Figura 1) e seu contra plano (Figura 2).

Esse plano, de alguns segundos, levou a uma reação de revolta dos jovens expectadores. Ou seja, imediatamente ao ver a cena foi identificado o que significava sem que houvesse nenhuma explicação verbal ou textual. Eles reagiram com expressões do tipo “Não acredito!”, “Ela vai perder o filho!”, “O filho foi adotado”. Essa reação indica, em primeiro lugar, o envolvimento com o filme. Sem o envolvimento e o acompanhamento da narrativa, esse tipo de percepção promovida especialmente pela linguagem cinematográfica, não seria possível. Além disso, indica um caminho para a análise da linguagem cinematográfica a partir da compreensão dos jovens, e não a partir de algo pré estabelecido pelo professor. Ou seja, é possível trazer para a análise e explicitar os motivos das reações a partir dos próprios alunos.



Figura 1 - Fotograma do filme "As Sufragistas" (Sarah Gravon)



Figura 2 - Fotograma do filme "As Sufragistas" (Sarah Gravon)

A imagem de um casal com uma criança imediatamente remete à simbologia de uma família. A cena sugere, sem a intermediação da verbalização, que, aquela criança, a partir daquele momento, seria criada por outra mãe, e outro pai. Ou seja, os alunos/alunas, ao reagirem à cena, em questão de segundos, demonstraram envolvimento e capacidade de leitura simbólica, além da compreensão da linguagem cinematográfica sem a intermediação da linguagem verbal.

Neste texto, apresento análise a partir da exibição do filme “As sufragistas” para 60 estudantes com idade entre 13 e 14 anos. Duas questões pautaram a análise: o que leva os estudantes a considerarem o filme a partir de uma visão documentarizante (Roger Odin), ou seja, elementos que o levam a considerar como uma história que faz parte do mundo real e não de um mundo ficcional, e, a reação a uma cena, que indica a compreensão da narrativa a partir da compreensão da linguagem cinematográfica. Na primeira, os estudantes indicaram, principalmente as imagens reais (em preto e branco) apresentadas no final do filme e, o fato presente das mulheres votarem (ou seja, isso é indício, na visão de alguns estudantes, que a história de luta pelo voto narrada no filme é verdadeira). Na segunda, a análise da reação dos estudantes a uma cena que indica o envolvimento e a compreensão da narrativa.

Observar mais atentamente as reações dos estudantes aos filmes exibidos em espaço escolar, a partir de referências teóricas que discutem as dimensões da linguagem cinematográfica, bem como as que discutem a complexidade do processo de “recepção”, pode ser bastante interessante para enriquecer e aprimorar o debate em torno da questão do uso do cinema nas aulas de história.

Referências

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144
- BARTHES, Roland. O terceiro sentido. In: _____. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 45-61.
- GRAVON, SARAH. **As sufragistas**. Título original: *Suffragette*. Universal Pictures. UK, colorido, 107', 2015.
- ODIN, Roger. A questão do público: uma abordagem semiopragmática. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**, vol. II. São Paulo: Editora Senac, 2005.